

ARRANCADA  
DO MEU  
MUNDO

Título do original: *In Another Life*.

Copyright © 2019 C. C. Hunter.

Publicado mediante acordo com St. Martin's Press.

Copyright da edição brasileira © 2020 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

1ª edição 2020.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Jangada não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance são produtos da imaginação do autor e usados de modo fictício.

**Editor:** Adilson Silva Ramachandra

**Gerente editorial:** Roseli de S. Ferraz

**Produção editorial:** Indiara Faria Kayo

**Editoração eletrônica:** Join Bureau

**Revisão:** Vivian Miwa Matsushita

**Produção de ebook:** S2 Books

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Hunter, C. C.

Arrancada do meu mundo / C. C. Hunter; tradução Denise de Carvalho Rocha. – São Paulo: Jangada, 2020.

Título original: *In Another Life*

ISBN 978-85-5539-151-4

1. Ficção norte-americana I. Título.

20-32665

CDD-813

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção: Literatura norte-americana 813  
Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

1ª Edição digital 2020  
eISBN: 9788555391514

Jangada é um selo editorial da Pensamento-Cultrix Ltda.

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

Epílogo

## Agradecimentos

Tantas pessoas a agradecer... Minhas fãs que serviram de inspiração para o nome do cachorro de Chloe: Heather Renee Contreras, Lori McVicar, Janine Crawford, Melissa Ownsbey e Peyton Lapato. Minha agente, Kim Lionetti, que sempre sabe a coisa certa a dizer. Minha editora, Sara Goodman, que teve ótimas ideias sobre como melhorar este livro. Minha assistente, Kathleen Adey, que me ajuda a fazer tudo. Minha amiga JoAnne Banker, cujo conhecimento sobre adoção me ajudou a iniciar este livro. Obrigada a todos.

— **O** que está fazendo? — pergunto quando meu pai entra no estacionamento de uma loja de conveniência, a pouco mais de um quilômetro de onde minha mãe e eu estamos morando agora. Minha voz soa meio desafinada depois de passar cinco horas de viagem sem falar. Eu estava com medo de que, se dissesse alguma coisa, tudo dentro de mim transbordaria. Minha raiva. Minha mágoa. Minha decepção com o homem que costumava ser meu super-herói.

— Preciso abastecer o carro e ir ao banheiro — diz ele.

— Ir ao banheiro? Quer dizer que você não pode nem entrar para ver minha mãe quando me deixar em casa? — Sinto o coração apertado como se uma mão gigante o esmagasse.

Ele me olha nos olhos, ignora minhas perguntas e diz apenas:

— Você quer alguma coisa?

— Sim, minha vida de volta! — Saio do carro e bato a porta com tanta força que o barulho de metal contra metal reverbera no ar abafado do Texas. Arrasto os pés pelo estacionamento, enquanto fito minhas

sandálias brancas devorando a calçada e tento esconder o brilho das lágrimas nos meus olhos.

— Chloe! — meu pai me chama. Eu ando mais rápido.

Com os olhos ainda colados no chão, abro a porta, entro com tudo dentro da loja e dou um encontrão em alguém, esmagando meus peitos contra o peito da pessoa.

— Merda! — rosna uma voz grave.

Um copo de isopor bate no chão e uma bebida vermelho-sangue explode nas minhas sandálias brancas. O copo vira, provocando uma hemorragia no piso de ladrilhos brancos.

Engulo o nó na garganta e dou um passo para trás, afastando meu sutiã tamanho P do tórax de um sujeito.

— Desculpe — ele murmura, embora a culpa seja minha.

Eu me forço a olhar para ele e vejo primeiro o peito largo, depois os olhos verdes e em seguida o cabelo preto-azeviche caído na testa. *Ah, droga! Eu não podia ter trombado com algum velhinho de bengala?*

Volto a fitar os olhos brilhantes do desconhecido e vejo uma mudança neles. Não estão mais com uma expressão de quem se desculpa. Agora parecem chocados e então... zangados.

Eu deveria dizer algo do tipo, *Eu é que tenho que me desculpar*, mas o nó na minha garganta volta com força total.

— Merda. — A palavra volta a escapar, agora com uma cara feia.

*Concordo, tudo isso é uma merda!*

Ouçó meu pai chamar meu nome novamente, do lado de fora da loja.

Minha garganta fica mais apertada e as lágrimas ardem nos meus olhos. Com vergonha de chorar na frente de um estranho, arranco minhas sandálias e disparo na direção de uma geladeira cheia de refrigerantes.

Abro a porta de vidro e estico o pescoço para sentir o ar frio, precisando muito esfriar a cabeça. Enxugo algumas lágrimas rebeldes



nas bochechas, depois sinto alguém ao meu lado. Meu pai não vai deixar isso passar em branco.

— Apenas admita que você estragou tudo! — eu digo, depois olho para o lado e sou engolida por aqueles mesmos olhos verde-claros zangados de um minuto atrás. — Pensei que você fosse... Foi mal... — balbucio, sabendo que é tarde para um pedido de desculpas. O olhar dele é inquietante.

O garoto continua a me encarar. Um olhar que não faz a mínima questão de esconder a antipatia. Como se a irritação dele não fosse apenas pela raspadinha derramada.

— Eu pago a sua bebida. — Ele nem pisca, então acrescento: — Me desculpe.

— O que você está fazendo aqui? — A pergunta fica sem resposta.

— O quê? Eu *conheço* você? — Sei que fui rude, mas, gato ou não, o cara está me deixando assustada.

Os olhos dele brilham de raiva.

— O que você quer? — Não entendo por que há um tom de acusação na voz dele.

— Como assim?

— Seja lá o que está tentando fazer, não faça.

Ele ainda está me encarando. Percebo que estou me sentindo intimidada com aquele olhar.

— Eu não sou... Você deve estar me confundindo com outra pessoa. — Balanço a cabeça, sem saber se o cara é tão louco quanto sexy. — Não sei do que você está falando. Mas já me desculpei. — Pego uma lata de bebida e, descalça, com as sandálias gosmentas na mão, ando rápido para a entrada da loja.

Meu pai entra, carrancudo.

— Cuidado! — diz a moça do caixa ao meu pai, enquanto limpa o chão sujo de raspadinha em frente à porta.



— Desculpe — murmuro para a moça e aponto para o meu pai. — Ele vai pagar meu refrigerante! E essa raspadinha aí no chão.

Disparo até o carro, entro e seguro a lata fria de refrigerante contra a testa. Os fios de cabelo na minha nuca começam a ficar arrepiados. Olho em volta e o gato esquisitão está do lado de fora da loja, me encarando novamente.

*Seja lá o que está tentando fazer, não faça.*

É isso aí, o cara não bate bem. Desvio o olhar para fugir da vigilância dele. Meu pai volta para o carro. Ele não dá partida, fica ali parado, só me olhando.

— Você sabe que isso não é fácil para mim também.

— Ok. — *Então, por que você saiu de casa?*

Ele liga o carro, mas, antes de partirmos, olho em volta novamente e vejo o garoto de cabelos pretos parado no estacionamento, escrevendo algo na palma da mão.

*Engano meu ou ele está anotando o número da placa do meu pai? Esse cara é muito doido! Eu quase digo algo para o meu pai, mas me lembro de que estou chateada com ele.*

Meu pai acelera. Fico atenta ao espelho retrovisor. O cara gostoso fica ali, com os olhos colados no carro do meu pai, e eu também não tiro os olhos dele até que não passe de um pontinho preto no retrovisor.

— Sei que é difícil — diz meu pai. — Penso em você todo dia.

Eu balanço a cabeça, como se entendesse, mas não falo nada.

Minutos depois, meu pai encosta o carro na frente da nossa casa. Ou melhor, da casa onde moramos minha mãe e eu. Meu pai não mora mais conosco.

— Eu te ligo amanhã para ver como foi o seu primeiro dia de aula.

Meu estômago se contrai como um tatu-bola com o lembrete de que vou começar meu último ano do ensino médio numa escola nova. Olho para a casa velha no bairro antigo. A casa que um dia pertenceu à minha avó materna e que minha mãe alugou para um casal de idosos nos

últimos anos. Agora moramos nela. Uma casa que cheira a gente velha... e a tristeza.

— Ela está em casa? — pergunta meu pai.

À luz do entardecer, nossa casa está às escuras. Uma luz dourada se infiltra por debaixo da porta da casa ao lado, onde mora Lindsey; ela foi a primeira pessoa da minha idade que conheci na cidade.

— Mamãe provavelmente está descansando — respondo.

Ficamos calados por um momento.

— Como ela está?

*Achei que não ia perguntar...* Olho para eu pai, enquanto ele segura o volante com força e analisa a casa.

— Bem. — Abro a porta do carro, sem querer me despedir. Dói demais.

— Ei! — ele sorri. — Pode me dar pelo menos um abraço?

Eu não quero dar, mas por algum motivo (porque sob toda aquela raiva, eu ainda o amo) eu me inclino sobre o console entre os bancos e o abraço. Ele não tem mais nem o cheiro do meu pai. Está usando uma colônia que Darlene provavelmente comprou para ele. Lágrimas ardem nos meus olhos.

— Tchau. — Tiro do carro um pé melado de raspadinha.

Antes de eu levantar o traseiro do banco, ele diz:

— Ela vai voltar logo a trabalhar?

Eu me viro para ele.

— Foi por isso que você perguntou como ela está? Por causa do dinheiro?

— Não. — Mas a mentira é tão clara na voz dele que fica pairando no ar.

*Quem é esse homem?* Ele tingiu os fios grisalhos nas têmporas. Agora usa o cabelo espetado e está vestindo uma camiseta com o nome de uma banda que ele nem sabia que existia até Darlene aparecer na vida dele.

Antes que eu possa me conter, as palavras se derramam da minha boca:

— Por quê? Sua namorada está precisando de mais um par de sapatos de grife?

— Não, Chloe — ele diz num tom severo. — Você está falando como a sua mãe.

A mágoa agora aperta a minha garganta.

— Ah, pelo amor de Deus... Se eu falasse como a minha mãe, diria: “A putinha está precisando de mais um par de sapatos de grife?”. — Eu me viro outra vez para a porta do carro.

Ele pega meu braço.

— Olhe aqui, mocinha, não posso esperar que você goste dela assim como eu, mas gostaria que pelo menos a tratasse com respeito.

— Respeito? A pessoa precisa merecer respeito, pai! Se eu usasse as roupas que ela veste, você me mataria. Na verdade, nem você eu respeito mais! Você arruinou a minha vida. Você ferrou a vida da mamãe. E agora está transando com alguém dezoito anos mais jovem que você. — Saio do carro e, a meio caminho da soleira de casa, ouço a porta do carro se abrir e bater.

— Chloe. Suas coisas. — Ele parece zangado, mas não mais do que eu, porque, além de raiva, sinto mágoa.

Se eu não estivesse com receio de que ele me seguisse até em casa, todo ofendido, e começasse uma discussão com a minha mãe, eu não voltaria para pegar nada. Mas não quero mais ouvi-los discutindo. E não sei se minha mãe também iria aguentar. Não tenho opção a não ser fazer a coisa certa. É péssimo quando você é a única pessoa na família que se comporta como um adulto.

Eu me viro, seco as lágrimas bruscamente e me volto para o meio-fio.

Meu pai está de pé ao lado do carro, com uma mão segura a minha mochila e, com a outra, uma enorme sacola com as roupas novas que



comprou para eu usar na escola. Ótimo. Agora me sinto a filha desalmada e ingrata.

Quando me aproximo, murmuro:

— Obrigada pelas roupas.

— Por que está tão brava comigo? — ele pergunta.

Tantas razões... Qual delas eu escolho?

— Você deixou Darlene transformar meu quarto numa academia de ginástica.

Ele balança a cabeça.

— Nós tiramos suas coisas e colocamos no outro quarto.

— Mas aquele quarto era meu, pai.

— É por isso que você está tão brava ou será porque... ? — Ele faz uma pausa. — Não é culpa minha que sua mãe tenha ficado...

— Continue pensando assim — eu digo. — Um dia desses, você pode até começar a acreditar!

Com as mãos ocupadas e o peito pesado, deixo meu super-herói e meu coração partido abandonados na calçada. Minhas lágrimas estão caindo rápidas e quentes quando fecho a porta da frente atrás de mim.

Docinho, um vira-lata amarelo de porte médio, me cumprimenta com um ganido e o rabo abanando. Eu o ignoro. Largo a mochila, a sacola de compras e vou para o banheiro. Félix, meu gato amarelo tigrado, vem correndo e entra comigo.

Tento fechar a porta de um jeito normal, em vez de batê-la com raiva. Se minha mãe me vir assim, vai ficar chateada. Pior ainda, isso alimentará sua raiva.

— Chloe? — minha mãe chama. — É você?

— Sim. Estou no banheiro. — Espero que minha voz não revele quanto me sinto arrasada.

Eu me sento no vaso sanitário, pressiono as costas das mãos contra a testa e tento respirar.

Os passos da minha mãe fazem o velho assoalho de madeira ranger. A voz dela soa atrás da porta.

— Está tudo bem, querida?

Félix está ronronando e se esfregando na minha perna.

— Sim. Mas meu estômago nem tanto... Acho que o bolo de carne que comi na casa do papai não caiu bem.

— Darlene é quem estava cozinhando? — O tom de voz dela denuncia o ódio reprimido.

Eu cerro os dentes.

— Sim.

— Por favor, diga que seu pai repetiu o prato.

Fecho os olhos, quando o que realmente quero fazer é gritar: *Pare com isso!* Eu entendo por que minha mãe está tão furiosa. Entendo que meu pai é um filho da mãe. Entendo que ele se recusa a assumir a culpa e que isso só piora as coisas. Entendo o que ela passou. Entendo tudo isso. Mas ela tem ideia do quanto me dói ouvi-la falar tão mal de alguém que eu ainda amo?

— Vou me sentar um pouco lá fora, no quintal — diz ela. — Quando sair daí, vá se sentar lá comigo.

— Ok — respondo.

Os passos da minha mãe se afastam.

Fico sentada no vaso e tento não pensar em tudo que me magoa. Em vez disso, faço carinho em Félix. Seus olhos, tão verdes, me levam de volta ao garoto da loja. *Seja lá o que está tentando fazer, não faça.*

Que diabos ele quis dizer com isso?

Saio do banheiro, mas, antes de abrir a porta dos fundos, olho pela janela e vejo minha mãe no gramado, reclinada numa cadeira de armar. O sol está se pondo e ela está banhada numa luz dourada. Os olhos estão

fechados e o peito se move para cima e para baixo, respirando lentamente. Está tão magra... magra demais.

O lenço azul desbotado escorregou da cabeça dela. Tudo que eu vejo é sua cabeça sem cabelos. E — pronto! Estou com raiva do meu pai outra vez.

Talvez ele esteja certo. Talvez eu o culpe pelo câncer da minha mãe.

Não adianta nem eu me lembrar de que, três semanas atrás, o médico a considerou curada. De fato, o câncer de mama foi detectado tão cedo que os médicos insistiram em dizer que deveríamos considerá-lo só um pequeno obstáculo no caminho.

Mas eu odeio os solavancos que os obstáculos podem provocar...

Meu olhar é atraído para a cabeça dela novamente. O médico afirmou que as breves sessões de quimioterapia eram só para ter certeza de que não restaria nenhuma célula cancerígena. Mas até eu ver o cabelo da minha mãe voltando a crescer e as costelas protuberantes sumindo, não vou parar de ter medo de perdê-la.

Quando ela foi diagnosticada, pensei que meu pai voltaria, que ele perceberia que ainda a amava. O mais triste é que acho que minha mãe pensou o mesmo. Mas isso não aconteceu.

Minha mãe abre os olhos, ajusta o lenço na cabeça e fica de pé com os braços abertos.

— Venha cá. Senti sua falta.

— Só fiquei três dias fora — digo. Mas é a primeira vez que durmo fora de casa desde que minha mãe adoeceu. E senti falta dela também.

Caímos nos braços uma da outra. Os abraços dela começaram a ficar mais longos desde que se separou do meu pai. Os meus ficaram mais apertados desde que a temida doença de minha mãe marcou nossas vidas.

Eu retribuo o abraço dela. Docinho está aos meus pés, a cauda abanando e batendo na minha perna.



— Ela redecorou a casa? — O tom de voz dela é casual, mas ainda carregado de animosidade.

*Apenas o meu quarto.* Mudando de assunto, eu pergunto:

— O que você fez enquanto estive fora?

— Li dois livros. — Ela sorri.

— Você não pegou seu manuscrito e tentou escrever?

Antes da separação, minha mãe passava todo o seu tempo livre trabalhando em seu livro. Ela chamava esse *hobbie* de “minha paixão”. Suponho que meu pai tenha exterminado essa paixão também.

— Não. Não tive vontade — ela diz. — Ah, olhe! — Ela tira a bandana. — Já está nascendo uma leve penugem na minha cabeça. Ouvi dizer que algumas mulheres gastam uma fortuna para ficar com esse visual.

Eu solto uma risada, não porque seja engraçado, mas porque ela está rindo. Eu não me lembro da última vez que minha mãe riu. Será que as coisas estão melhorando?

Ela vai até a cadeira de balanço dupla e se senta.

— Sente-se.

A cadeira afunda sob o nosso peso. O ombro de minha mãe esbarra no meu e ela olha fixamente para mim. Será que percebeu que meus olhos estão inchados de tanto chorar?

— O que há de errado, querida?

A preocupação em sua voz, o amor em seus olhos, tudo isso me faz lembrar de quando eu podia contar com ela para desabafar meus problemas. Quando eu não pesava cada palavra para garantir que não iria magoá-la. Porque ela já está sofrendo demais.

— Nada — eu digo.

Ela contrai os lábios.

— Seu pai deixou você chateada?

— Não — minto.

O olhar dela se demora em mim como se ela soubesse que não estou sendo sincera. Eu invento alguma coisa:

— É Alex.

— Você o viu enquanto estava na casa do seu pai?

Outro nó se forma na minha garganta. Acho que esse assunto também é delicado.

— Ele veio me ver e conversamos no carro.

— E então...?

— Não aconteceu nada. — Guardo essa dor para outra hora. — Eu disse a você que ele está saindo com outra pessoa.

— Sinto muito, querida. Você me odeia por tê-la feito se mudar de cidade?

*Gente, não dá para odiar alguém que tem câncer!* Mas e agora que o câncer está curado...? É tentador, mas não posso. Assim como não posso odiar meu pai.

— Eu não te odeio, mãe.

— Mas você odeia morar aqui? — A culpa acrescenta uma nota triste à voz dela. É a primeira vez que ela considera meus sentimentos sobre isso. Eu tentei ao máximo convencê-la a não se mudar, cheguei a implorar, mas ela não fez concessões. Então eu fiz. Fiz um monte de concessões.

Meus olhos se enchem de lágrimas.

— Só é difícil.

Meu celular toca, indicando a chegada de uma mensagem. Não quero olhar agora, porque acho que é meu pai mandando uma mensagem para pedir desculpas e minha mãe pode ver, então vou ter que explicar. *Ele está arrependido, não está?* Quero acreditar que ele tenha percebido que dar meu quarto a Darlene foi um erro.

— Quem é? — pergunta minha mãe.

— Não sei. — O celular permanece no meu bolso.

Ele toca novamente. *Merda!*

— Você pode olhar para ver quem é... — diz minha mãe.

Eu tiro o celular do bolso e verifico as mensagens. Não é meu pai. E isso também me magoa.

— É Lindsey. — Eu leio a mensagem dela. *Apareça quando puder.*

— Ela ligou antes para ver se você estava em casa. Por que não vai vê-la? Vou preparar o jantar.

— Vou apenas mandar uma mensagem para ela — digo, sabendo que Lindsey vai perguntar sobre a minha viagem e eu não a conheço bem o suficiente para despejar tudo em cima dela.

— Ok. — Minha mãe dá um tapinha no meu braço. — O que você quer jantar?

— Pizza. — Estou morrendo de fome. Eu mal toquei no almoço na casa do meu pai.

— Pizza? Com o estômago revirado desse jeito? — diz minha mãe. — Que tal sopa de tomate e queijo grelhado?

Eu odeio sopa de tomate. É comida de hospital. Comida de quem tem câncer. Nós comemos isso quase todas as noites durante a quimioterapia. Então, mais uma vez, suponho que seja isso que eu ganhe por mentir.

— Claro!

Depois de um prato de sopa, um sanduíche e dois episódios de uma série, dou um abraço de boa-noite na minha mãe e vou para a cama. Docinho e Félix me seguem quando entro no meu quarto. Ou melhor, o quarto em que durmo. *Meu* quarto não existe mais.

Pego o celular para ver se alguma das minhas antigas amigas, ou talvez Alex, me mandou uma mensagem. Nada exceto outra mensagem de Lindsey, me lembrando de avisá-la quando estiver saindo para a escola na manhã seguinte.



Eu desabo na minha cama. Félix salta para cima do colchão, se aconchega ao meu lado e começa a ronronar. Docinho faz o mesmo e fica aos meus pés. Com o celular ainda na mão, deslizo a tela para as *selfies* que tirei de mim, Kara e Sandy neste final de semana. Nós estamos sorrindo, mas não é um sorriso sincero, natural. Parece que nós três estamos só fazendo pose. Como se estivéssemos fingindo alguma coisa. Fingindo um sorriso. Fingindo amizade.

Continuo passando as fotos com o dedo até chegar às mais antigas, com Kara e Sandy. Nós não estamos posando ou fingindo. Estamos nos divertindo. Isso está claro na nossa expressão, nos nossos sorrisos verdadeiros.

Eu continuo olhando as fotos até encontrar uma só minha e de Alex. Ele está beijando minha bochecha. Seus olhos azuis não aparecem na foto, e eu posso dizer que ele está rindo. Lembro-me de quando foi tirada. Na primeira noite em que dormimos juntos. Lágrimas enchem meus olhos e meu dedo desliza mais rapidamente. Imagens, instantâneos da minha vida agora não passam de borrões coloridos voando pela tela do meu celular.

Será que, na realidade, é apenas disso que se trata a vida? Borrões coloridos? Uma colagem de momentos efêmeros, em diferentes tons e matizes de emoção? Momentos em que você está feliz, triste, com raiva, com medo, e aqueles em que você está apenas fingindo.

Jogo o celular nos pés da cama e olho para o ventilador de teto girando, enquanto minhas emoções parecem fazer o mesmo. Meus olhos ficam pesados e então — pronto! — não estou mais olhando para o ventilador. Estou presa numa lembrança quase tão antiga quanto eu.

*Estou sentada num sofá marrom. Meus pés, dentro de sapatos pretos de fivela, balançando bem acima de um tapete sujo. Estou usando um vestido de princesa com babados rosa, mas não sou uma princesa feliz. Soluços profundos e sinceros, meus soluços, ecoam ao meu redor. Eu me sinto um peixe fora d'água. Não consigo respirar.*

Sento-me tão rápido que Félix pula da cama.

É a única lembrança que tenho antes de me tornar Chloe Holden. Alguns meses antes do meu terceiro aniversário. Antes de eu ser adotada.

Ultimamente, essa lembrança tem me ocorrido. Me assombrando, de certa forma. Mas eu sei por quê. É a sensação. A sensação de ser arrancada do meu mundo e colocada em outro lugar.

Não que isso não tenha sido bom. Naquela época, tive muita sorte em ser adotada, e por pais perfeitos. Ganhei uma mãe, um pai, tenho um gato chamado Félix e, ainda por cima, adotamos um cachorro chamado Docinho. Morávamos numa casa de tijolinhos brancos de três quartos, onde sempre havia risadas. E amor. Eu tinha amigos com quem cresci. Um namorado a quem entreguei a minha virgindade.

Eu tinha uma vida. Eu era feliz. Meus sorrisos eram de verdade nas fotos.

Aí meu pai passou a trabalhar até tarde.

Começaram as brigas dos meus pais.

O caso do meu pai.

A depressão da minha mãe.

O divórcio.

O câncer.

E depois a mudança da cidade de El Paso para Joyful, no Texas. Que, a propósito, de alegre não tem nada... [1]

E aqui estou eu. Arrancada do meu mundo outra vez. Arrancada *brutalmente*.

Mas, desta vez, não estou me sentindo tão sortuda assim.

## 2

Tentando me convencer de que este primeiro dia de aula não vai ser tão ruim quanto imagino, corro os dedos pelo meu cabelo grosso e escuro, que passei meia hora alisando. Depois de dar uma última olhada no espelho da penteadeira, envio uma mensagem para Lindsey e saio do quarto apressada.

Minha mãe, sumindo dentro de um roupão cor-de-rosa grande demais para ela, está sentada na mesa da cozinha, olhando para mim.

— Gosto mais da blusa vermelha.

— Eu sei. Mas prefiro esta hoje.

Dou um abraço nela. Sei que fico bem de vermelho, mas vou aparecer demais, tipo, *Olhem para mim, eu sou a garota nova da escola!* Então preferi usar uma blusa bege em vez disso.

— Me deseje sorte — diz ela.

— Por quê? O que você vai fazer? Vai começar a escrever de novo?

— Não. Estou procurando emprego.

Meu primeiro pensamento é que minha mãe deve esperar até o cabelo dela crescer.

— Você sente vontade de trabalhar?



— Sim. Estou cansada de não fazer nada.

— Então boa sorte. — Pego a mochila, faço um carinho rápido em Félix e em Docinho e saio, tentando não pensar em meu pai perguntando se minha mãe está trabalhando. Tentando não pensar que nunca recebi um pedido de desculpas dele.

Lindsey, vestindo jeans preto, blusa preta, unhas esmaltadas de preto e batom vermelho, está esperando ao lado da garagem. Seus cabelos loiro-claros com reflexos caem em cascata sobre os ombros. Ela parece saída de uma capa de revista.

— Caprichou no visual, hein? — eu digo.

Ela sorri.

— Meu plano é fazer Jonathon morrer de arrependimento.

Eu já ouvi tudo sobre Jonathon. A quem ela, na maioria das vezes, chama de “aquele cão sarnento traidor”. Eu o vi uma ou duas vezes quando nos mudamos. Foi só quando eles romperam o namoro que Lindsey e eu começamos a conversar. E só recentemente contei a ela sobre Alex, mas nós ainda não arranjamos um apelido perfeito para o meu ex-namorado.

Se a minha mãe não tivesse me arrastado para outra cidade do Texas, Alex e eu ainda estaríamos juntos. Não tenho certeza se poderia chamar de amor o que sentíamos, mas acho que estávamos perto disso. Quando fui embora, concordamos que iríamos manter um relacionamento a distância.

Só durou quatro semanas.

— Como foi a visita à casa do seu pai e do brinquedinho sexual dele?  
— ela pergunta enquanto caminhamos para o meu carro.

— Um verdadeiro inferno — digo, depois mudo de assunto. — Você já escolheu seu novo *crush*? — Entramos no meu Chevy Cruze branco.

— Sim, David Drake. Ele me convidou para sair no ano passado, logo depois que comecei a namorar Jonathon. Ele é engraçado, fofo e educado.

No trajeto, Lindsey fala sobre o horário das suas aulas e conta que tem três aulas com Jamie. Jamie é sua melhor amiga, que esteve fora durante o verão. Eu fico preocupada, achando que agora que a melhor amiga está de volta, Lindsey vai me deixar de lado quando mais preciso.

— Espero que a gente tenha aulas juntas — digo a Lindsey.

Quase todo mundo recebeu o horário das aulas por e-mail. Vou pegar o meu depois com a conselheira. Mas como Lindsey não faz as aulas mais puxadas, como eu, de conteúdo mais completo e aprofundado, duvido que tenhamos aulas nas mesmas classes.

Entro no estacionamento da escola e penduro no espelho retrovisor a autorização para estacionar ali. Minha mãe obrigou meu pai a pagar o plano mensal do estacionamento. Meu estômago começa a revirar ao ver pessoas que não conheço. Eu olho para Lindsey.

Ela está me olhando de um jeito estranho.

— Cara, você está nervosa mesmo!

— Um pouco, por quê?

Ela faz uma cara engraçada.

— Não sei. Achei que fosse mais peituda.

— Eu? Por quê?

— Sua mãe tem câncer. Você precisou se mudar no último ano do ensino médio e está, tipo, numa boa com tudo isso. Eu estaria surtando.

Eu digo a verdade.

— Eu estou surtando. Apenas finjo que não. — Saltamos do carro e pegamos nossas mochilas no banco de trás.

A poucos metros do meu carro, sinto pessoas olhando para mim e acenando para Lindsey. Levanto o queixo e finjo que não estou nem aí. Lindsey começa a falar sobre onde vamos nos encontrar depois das aulas e me diz para mandar uma mensagem quando eu souber os meus horários.

Estamos quase saindo do estacionamento quando ouço gritos. Paramos.

Um cara grandalhão, de cabelo castanho-claro, está rindo de outro, mais novo, com cara de ser do segundo ano. O valentão está segurando uma mochila e fazendo algumas piadas sobre a estatura do mais baixinho.

O rosto do garoto está vermelho, como se ele estivesse envergonhado e com muita raiva. Meu coração se compadece do aluno do segundo ano, que parece tão desconfortável quanto eu ali. Estou pensando em fazer alguma coisa quando outra pessoa faz. Alguém com cabelo preto-azeviche e ombros com um quilômetro de largura. Eu acho que ele é professor; então — *droga!* — eu o reconheço! É o cara paranoico com quem trombei na loja de conveniência.

— Pare de ser idiota! — O psicopata da loja tira a mochila da mão do garoto babaca e a joga para o garoto mais novo, que a agarra e sai correndo.

— Olha como ele corre! — diz o valentão, rindo. Mas, caramba, eu odeio valentões!

O cara estranho fala algo que não consigo ouvir. Eu chego mais perto. Lindsey se aproxima junto comigo.

O idiota explode:

— Quem diabos você pensa que é?

Lindsey se inclina.

— Isso está ficando interessante.

Eu não olho para ela. Meus olhos estão presos na cena.

— Paul é o cara que pegou a mochila do garoto — Lindsey continua, baixinho. — Ele é jogador de futebol. O outro cara é o Cash. Ele começou a estudar aqui na metade do último ano escolar. Costumava frequentar a Westwood Academy, uma escola particular para onde vão as crianças ricas. Mas há boatos de que cresceu num orfanato e é mau elemento.

— Paul é quem está agindo como um mau elemento. — Eu tento ligar o cara que está defendendo o garoto mais novo com o lunático que conheci ontem.



— Verdade. Paul é que vive praticando *bullying* — Lindsey admite.

Paul se aproxima de Cash. Apesar do encontro de ontem, estou torcendo por Cash. Não gosto de psicopatas, mas gosto menos ainda de valentões.

Cash não se move, mas seus ombros se alargam. Paul não parece assustado, mas ele deveria estar. Cash é uns cinco centímetros mais alto do que Paul. Mas não é a altura que o torna tão intimidador. É a linguagem corporal dele. Ele parece durão. Ainda mais durão agora do que ontem.

— Eu fiz uma pergunta! — Paul grita. — Quem você acha que é, garoto adotado?

Os ombros de Cash se alargam ainda mais.

— Sou o único aqui que não tem que pegar alguém menor do que eu para me sentir importante.

Paul se aproxima e cola o rosto no de Cash.

Cash fala alto:

— Vá embora enquanto pode. — Seu tom é ameaçador.

— Você é que vai embora! — rebate Paul.

Acho que Cash está prestes a recuar o punho para dar um soco no outro, mas ele me surpreende e diz:

— Você não vale o aborrecimento.

Ele se vira para ir embora.

Não sei se estou decepcionada por Cash não dar uma lição em Paul ou se ele tomou a atitude certa.

Cash se afasta alguns passos quando Paul avança e o empurra pelo ombro. Cash se desequilibra.

— Covarde! — Paul o acusa.

— Você é que é covarde por esperar eu virar as costas.

— Bem, agora estou na sua frente. — Paul desfere um soco.

Cash desvia para a esquerda. O punho de Paul golpeia o ar.

Todo mundo ri. Isso alimenta a fúria de Paul. Ele levanta os punhos na frente do rosto e começa a transferir o peso de um pé para o outro, como se fosse um boxeador profissional.

Cash leva os punhos até o queixo. Todos começam a gritar.

— Acaba com esse imbecil! Dá uma lição nele!

De alguma forma, sei que eles não estão torcendo por Cash. Eu não vou gostar dessa escola.

Estou achando que devemos ir embora, mas, assim como Lindsey, não consigo tirar os olhos da cena. Os dois caras se movem em círculo. Paul desfere outro soco, Cash se abaixa. Paul solta um rosnado.

Espero Cash fazer algum comentário irônico, mas ele não fala nada.

Tenho a sensação de que não quer lutar.

De repente, eles se posicionam de modo que Cash fica de frente para mim.

Aqueles olhos verdes líquidos olham para a frente e encontram os meus, castanhos. Ele congela.

É quando Paul desfere outro soco e seu punho atinge o olho de Cash. Ele quase cai, mas, com fúria, golpeia Paul — primeiro na barriga, depois no nariz. Paul cai, ofegante, e coloca a mão sobre o nariz. Sangue escorre entre os dedos dele.

— Parem! — alguém grita. Um homem corre na direção do grupo. Dessa vez é um professor de fato. A aglomeração começa a se dispersar.

— Vamos dar no pé. — Lindsey me puxa. Logo antes de eu me virar, o olhar de Cash me encontra novamente. Seu olho esquerdo já está inchando. Eu me viro e sigo Lindsey.

— Isso foi bem estranho... — Lindsey se apressa em direção à entrada da escola.

— A briga? — pergunto.

— Não. Cash olhando para você. Você o conhece?

— Não — eu digo, mas não explico mais nada.

— Bem, algo em você chamou a atenção dele.

— Eu provavelmente pareço alguém que ele conhece. — Me lembro de dizer o mesmo para ele na loja.

— Ou ele gosta de você. Todas as garotas da escola já tentaram chamar a atenção dele e não conseguiram. Você chega aqui e ele leva um soco enquanto olha para você.

— Talvez não estivesse olhando para mim — digo, sem muita convicção.

— Sei. — Lindsey revira os olhos.

Olho para a escola que aparece diante de mim e tudo que eu quero é dar meia-volta e voltar para casa.

Estou esperando na secretaria para pegar meus horários com a conselheira, a srta. Anderson, quando ouço uma voz zangada atrás de mim.

— Você quebrou o nariz dele.

Estou quase certa de que é a voz do professor que interrompeu a briga. Não viro a cabeça para ver quem é. Fico olhando para a frente, enquanto passam por mim. O professor empurra a porta giratória que leva à parte de trás da secretaria. Cash o segue.

Ele está quase passando pela porta quando se vira para trás. Seus olhos, ou melhor, “seu olho” me encontra — o outro está tão inchado que nem abre mais. O ar de acusação é evidente em sua expressão. Parece até que sou eu a responsável pelo olho roxo. Ouço o professor dizer algo e Cash se vira para a frente e o segue.

Incomodada com aquele olhar, vejo a recepcionista acenando para que eu me aproxime. Ela abre a porta e eu a sigo por um corredor, até os fundos. Viramos uma esquina e vejo o professor que interrompeu a briga. Parecendo chateado, ele conversa com uma mulher de cabelos pretos.

A recepcionista limpa a garganta.



O professor e a mulher olham para ela.

— Chloe Holden. — A recepcionista faz um gesto na minha direção.

— Leve-a até o meu escritório. — A recepcionista concorda com um ar contrariado. — Eu já estou indo.

Sou conduzida até outra sala e eu me sento na cadeira mais próxima da porta, enquanto a recepcionista dá meia-volta e sai. Posso ouvir ao longe a conversa entre o professor e a conselheira. Eu me reclino na cadeira.

— Não — diz a conselheira. — Estou dizendo para averiguar os fatos antes de fazer suposições.

— Eu já averigui — respondeu o homem. — Paul Cane me disse o que aconteceu e três alunos confirmaram a história.

— Três amigos de Paul, posso apostar — diz a srta. Anderson. — Vou atender essa nova aluna e depois falo com ele.

— Vai perder o seu tempo — diz o professor.

— Bem, é o *meu* tempo que vou perder — responde a conselheira com rispidez.

Ouçoo passos vindo na minha direção. Sento-me mais ereta na cadeira e finjo que não estava prestando atenção na conversa.

— Sinto muito fazer você esperar. — Ela me oferece a mão, mas ainda está com a testa franzida. — Sou a srta. Anderson.

Aperto a mão dela. Pode parecer estranho, mas já gosto dela por defender sua opinião, apesar da oposição do professor.

— Eu sou Chloe Holden.

Ela se senta atrás da mesa e, em seguida, puxa um arquivo de uma pilha de papéis.

— Pedi seu histórico escolar para o Lionsgate High. Vi suas notas. São impressionantes. Com toda essa dedicação, você vai longe.

Eu ouço muito isso. Sou inteligente, mas não me dedico tanto assim aos estudos. As coisas, na escola, são fáceis para mim. Na realidade, na minha antiga escola, eu normalmente errava de propósito uma ou duas

perguntas nas provas, para que minhas amigas não me odiassem. Ser inteligente demais não é legal.

— Você está planejando ir para a faculdade, certo?

— Estou, sim — digo. — Meus pais frequentaram a Universidade de Houston, então pretendo ir para lá também.

— Com essas notas, você pode ir para a universidade que quiser. Já solicitou uma bolsa?

Eu confirmo com a cabeça. Pelo menos meu pai vai ter uma folga nas mensalidades quando eu for para a faculdade.

— Bem, coloquei você nas turmas em que o conteúdo das matérias é visto com mais profundidade. Assim, acho que não vai ficar entediada.

Assinto com a cabeça outra vez, meus pensamentos ainda no que a ouvi dizendo para o professor no corredor.

— Sua mãe mencionou que está fazendo quimioterapia. E que se divorciou recentemente.

*Por que mamãe contou isso a ela?* Eu congelo na cadeira.

— Se você precisar conversar, saiba que estou à disposição.

— Obrigada — digo. — Eu estou bem. Minha mãe também. Ela está curada do câncer agora.

— Ótimo! — Ela olha para o computador. — Estou imprimindo os seus horários e vou pedir a alguém que a acompanhe por alguns dias até que você aprenda a se localizar dentro da escola.

Quero recusar a escolta, mas também não quero correr o risco de me perder dentro do prédio e chamar ainda mais atenção.

Ela faz uma ligação rápida e me entrega meus horários, depois de tirá-los da impressora.

— Sandra vai encontrar você no escritório principal.

Concordo novamente, pego minha mochila, dou dois passos em direção à porta e depois me viro.

— Ah, sobre o que aconteceu no estacionamento...

— O quê?

— A briga — eu digo.

— Você estava lá? — Ela se inclina para a frente. Eu tenho a sensação de que gosta de Cash ou talvez saiba que Paul pratica *bullying*.

— Sim, o cara com cabelos mais claros, acho que alguém o chamou de Paul, ele estava provocando um garoto mais novo. Pegou a mochila dele e não queria devolver. O outro cara, Cash, devolveu a mochila para o garoto. Paul começou a briga. Cash tentou até se afastar dele.

Os olhos da srta. Anderson se arregalam com um sorriso.

— Você conhece algum dos dois?

— Não, não conheço. Só vi a briga. E... alguém me disse o nome deles.

— Obrigada. — Ela parece aliviada.

Eu saio e paro, quase colidindo com o peito de Cash outra vez. Nossos olhares se encontram. Ou o meu olhar e o “meio olhar” dele. Seu olho está inchado agora. Mas juro que o outro está me acusando de alguma coisa.

As palavras “*Desculpe por defender você*” estão na ponta da língua. Eu não as digo.

Passo por ele com pressa.

Sinto seu olhar sobre mim. Como senti ontem. Calafrios percorrem minha espinha.

*O que há com esse cara?*

# 3

**T**rinta minutos depois, Cash Colton entrou no jipe. *Por que ela me defendeu?* Então tudo se encaixou e ele soube no mesmo instante: *Porque eu estava certo.*

Esbarrar nele tinha sido a estratégia perfeita. *Sempre faça repararem em você. Não se aproxime. Faça com que suspeitem.*

Foi tudo uma *estratégia*.

Bem, nem tudo. A briga não poderia ter sido. Ninguém poderia adivinhar que ele sairia em defesa do garoto. Cash não sabia nem por que tinha feito aquilo. Exceto... pelo fato de que aquele garotinho assustado costumava ser ele...

Defendê-lo, no entanto, tinha que fazer parte do jogo dela. *Fazer com que confiassem nela. Acreditassem que ela é uma pessoa amigável.*

Ela ia precisar de sorte. Cash não confiava em ninguém. Nem mesmo em alguém com seios bonitos.

Ninguém pode trapacear um trapaceiro — não quando ele sabe todos os tipos de truque. Foi treinado pelo melhor de todos: seu pai malandrão, agora já falecido.



Ele saiu do estacionamento da escola cantando pneu. Depois de inocentá-lo da briga, a srta. Anderson havia chamado sua mãe adotiva, a sra. Susan Fuller. Por ser médica e uma pessoa amorosa, ela insistiu em vê-lo antes de decidir se ele precisava ir ao pronto-socorro ou não. Ele deveria esperar que ela viesse examiná-lo antes de voltar às aulas.

A um quarteirão da escola, ele ligou para a sra. Fuller.

Ela atendeu:

— Estou a caminho. Você está bem?

— Estou. Não precisa vir. Estou indo para casa agora tomar uma aspirina.

— Cash, a srta. Anderson, queria que você ficasse na escola. Você não deveria ter...

— Ah, é? Eu não sabia. — Na verdade, ele tinha ouvido toda a conversa atrás da porta e saído furtivamente antes que alguém pudesse detê-lo. — Pensei que eu estava livre para ir embora, depois que ela falou com você.

— Não, querido, você não deveria estar dirigindo. Pode ter sofrido uma concussão. A que distância está de casa?

— Praticamente lá — ele mentiu de novo e sentiu um aperto no estômago.

— Você não está com tontura, está?

— Não.

— Ok, então siga em frente e volte para casa. Vou ligar para avisar a srta. Anderson. Estarei em casa em vinte minutos.

— Mas não é preciso. Estou bem. — Ele olhou para o relógio no painel. Oito e quarenta.

— Foi isso que você disse dois anos atrás, quando seu apêndice supurou — ela disse.

— E eu ainda estou vivo. Então eu estava bem, não estava?

— Depois de oito dias no hospital. — Ela suspirou. Cash ouvia muitos suspiros da mãe adotiva. Desapontá-la era a última coisa que ele queria.

E, por mais que tentasse evitar, sempre a decepcionava. O passado de Cash o seguia por toda parte.

Os Fuller complicaram a vida deles quando optaram por adotá-lo [2]. Não que fossem sofrer por muito mais tempo. Em dois meses, ele já teria idade para deixar o lar adotivo. Ele não poderia fazer isso antes de terminar o ensino médio...

— Pare o carro e me ligue se sentir tontura.

— Entendido. — Ele desligou. Consultando o relógio novamente, ele passou a entrada para o bairro de Stallion, onde os Fuller moravam — ou melhor, onde ele ocupava um dos quartos da casa deles — e foi direto para o Walmart. O olho latejava.

Estacionou o jipe, entrou na loja e seguiu até o quadro de avisos.

Cada vez que ia ao supermercado, ele examinava aquele quadro. A primeira vez que tinha se deparado com ele, a vontade que teve foi de rasgá-lo, com receio de que os Fuller o vissem e ficassem tristes. Mais tarde, ele descobriu que os próprios pais é que tinham colocado o folheto ali.

E ali estava ela. Na foto, olhando para Cash.

O mesmo formato de olhos. A mesma mandíbula. Os mesmos lábios.

— Merda!

Isso não significava que fosse ela. A imagem que simulava a aparência dela com a idade que teria hoje poderia não ser exata. As fotos às vezes mentiam. Ele sabia disso por experiência própria. Mas, caramba, aquela garota parecia mais com ela em pessoa do que a foto que um filho da mãe dera à sra. Fuller um ano atrás. E depois que a sra. Fuller entregou a ele 3 mil dólares para encontrar a tal garota, ele convenientemente desapareceu. E levou uma parte do coração da mãe adotiva também. Só agora ela estava voltando ao normal.

Se ao menos a sra. Fuller tivesse contado a Cash, ele teria explicado a ela como funciona esse tipo de falcatrua.



Seria o mesmo vigarista voltando para conseguir mais dinheiro? Provavelmente. Mas, desta vez, havia se tornado seu jogo mais sofisticado. Só que agora Cash sabia o que estava acontecendo. E iria detê-lo.

Ele olhou em volta para se certificar de que ninguém estava olhando.

Quando estendeu a mão para tirar a foto do quadro, ouviu uma porta se abrir atrás dele. Cash se afastou e fingiu que verificava um cupom de ração para cachorro.

Enfiou as mãos nos bolsos, esperando a pessoa empurrar o carrinho pela porta. Quando não ouviu mais nenhum passo, concentrou-se novamente no panfleto.

Havia uma cópia do folheto na casa dele, também. Guardada num arquivo. Mas vasculhar a escrivaninha do sr. Fuller não parecia certo. Especialmente depois de Cash já ter sido pego fazendo isso uma vez. Ele estava com os Fuller havia apenas alguns meses, algumas semanas antes do seu aniversário de 15 anos, quando viu a sra. Fuller, com lágrimas nos olhos, olhando para o arquivo aberto. Mais tarde, quando ela já confiava nele a ponto de deixá-lo sozinho em casa, Cash descobriu o que a fizera chorar.

Ele não tinha ouvido a sra. Fuller entrar em casa aquele dia. No segundo em que ela o viu, Cash teve certeza de que ela ia gritar, depois ligar para dizer aos assistentes sociais que viessem buscá-lo. Outras três famílias já o tinham devolvido. Mas a sra. Fuller puxou uma cadeira e colocou-a ao lado dele, próximo à escrivaninha do marido, e perguntou o que ele estava fazendo.

Cash foi sincero:

— Eu queria saber o que a fez chorar.

Ela suspirou, um suspiro que era um gemido baixo misturado com uma expiração longa, e ele logo descobriu que aquele suspiro era a marca registrada da sra. Fuller, nos momentos em que estava infeliz. Depois ela contou a história toda. E chorou também enquanto a contava.

A porta do Walmart se fechou. Ele pegou o papel pregado no quadro, dobrou-o, guardou no bolso e saiu de lá. De volta ao carro, ligou o motor e verificou as horas. Droga. Ele tinha cinco minutos para chegar em casa antes da sra. Fuller.

E se ela chegasse lá antes dele, ficaria chateada.

Embora Cash não pudesse ser a pessoa que os pais adotivos queriam que fosse, ele se esforçava para não decepcioná-los. Dirigiu como se fugisse do próprio diabo. Sentado ereto, tomava ainda mais cuidado porque estava enxergando apenas com um olho. Mas ele provavelmente conseguiria dirigir até com os olhos vendados. Tinha muita prática.

Outra coisa que seu pai havia lhe ensinado. Com apenas 9 anos, ele era o motorista de fuga quando o pai roubava lojas de conveniência. *Você tem que ganhar seu próprio sustento, garoto.* Fazia sete anos que ele não via o rosto do homem, mas a voz dele ainda ecoava em sua cabeça.

Cash estacionou na garagem, destrancou a porta da frente e digitou o código de segurança. Correu pelas escadas, saltando dois degraus por vez, entrou no quarto e escondeu o folheto em sua escrivaninha. Depois correu de volta até o andar de baixo, pegou duas aspirinas, mastigou-as e se deixou cair no sofá. Félix, o velho gato malhado amarelo, miava para que ele o pegasse no colo. O pobrezinho já estava cego como um morcego. Ele pegou o bichano e lhe deu umas palmadinhas de leve. Mal tinha se reclinado no sofá quando a porta se abriu.

— Cash? — Era a voz da sra. Fuller, quase melodiosa, chamando-o.

— Estou aqui, na sala de estar — gritou ele.

Ela entrou e ele a viu franzir a testa.

— Ai, meu Deus!

Ela se aproximou e levantou o queixo dele com dois dedos. Cash tentou não se encolher. Não que tivesse aflição que o tocassem. A sra.

Fuller tinha carta branca. Mas é que ele sentia dor quando ela o tocava. Não uma dor física, uma dor emocional...

— Acho que você precisa de um raio X. Só para...

— Não. — Ele se afastou. — É só um olho roxo. Já estou acostumado.

Lá veio o suspiro.

— Você pôs gelo?

— Por alguns minutos na escola.

Ela correu para a cozinha e voltou com um saco de ervilhas congeladas. Sua expressão era determinada. Ele suspeitou que a história do raio X não seria esquecida.

— Eu não vou ao hospital. — Ele pegou as ervilhas.

Um suspiro triste saiu dos lábios dela novamente e ela se sentou na cadeira em frente ao sofá. Eles se olharam nos olhos. Cash a comparou com a garota nova da escola. Havia muitas semelhanças. Mas não a cor dos olhos. Os olhos da sra. Fuller eram azuis. A garota tinha olhos castanhos com manchas verdes e douradas.

A sra. Fuller deu uma palmadinha nos joelhos e se balançou na cadeira algumas vezes. Isso geralmente significava que ela tinha algo na cabeça e queria conversar. Alguma coisa séria.

Ele esperou.

— A srta. Anderson me disse o que você fez. Defendeu aquele garoto.

Ele assentiu e continuou esperando. Não devia ser só isso.

— Estou orgulhosa de você, mas preferia que o tivesse defendido sem brigar. Você já sabe fazer melhor do que isso. — A decepção brilhava nos olhos dela. Cash se encolheu.

Quando apanhava do pai não doía tanto. Ele detestava — odiava — decepcionar a sra. Fuller

Cash tinha dezenas de justificativas na ponta da língua. *Eu tentei ir embora. Ele bateu primeiro.* Mas já fazia muito tempo que ele tinha aprendido que não adiantava se defender. As pessoas pensavam o que queriam.



— Desculpe — ele balbuciou.

— Você não pode ser expulso de outra escola.

*E isso não foi culpa minha também.* Cash levantou o queixo.

— Eles disseram que vão me expulsar?

— Não. Quando liguei de volta, a srta. Anderson deu a entender que você não vai ser punido. Vários alunos se manifestaram e defenderam você.

— Vários? — Ele tinha ficado chocado ao saber que *um* aluno o defendera. Então se lembrou de ter visto Jack quando o treinador interrompeu a briga. Ele e Jack não eram grandes amigos, mas no ano anterior tinham feito um projeto de ciências juntos e realmente haviam se dado bem.

— Foi isso que ela disse. Mas, se acontecer de novo, eles não vão facilitar para você.

Ele assentiu novamente.

— Pode voltar ao trabalho. Estou bem.

— Tudo bem. Minha assistente vai atender meus pacientes de hoje.

Mas não estava tudo bem. Os Fuller não mereciam ter que resolver as encrencas em que ele se metia. Perder a filha já era um fardo pesado demais. O que eles mereciam era ter a filha de verdade de volta. Mas qual era a probabilidade de Emily Fuller não estar sob sete palmos de terra?

Isso não impediria vigaristas de quererem tirar vantagem dos Fuller. Ele sabia. Havia convivido com um deles. Tinha sido um deles. Ele e o pai haviam cometido uma fraude semelhante certa vez, depois que o pai vira a foto de uma criança parecida com Cash num quadro de pessoas desaparecidas. O pai tinha feito uma breve pesquisa. A pobre mulher que havia colocado a foto no quadro estava sempre almoçando no parque perto do trabalho dele. Eles foram até lá todos os dias durante uma semana. O trabalho de Cash era encará-la. Chamar a atenção dela. Fazê-la morder a isca.



A mulher finalmente mordeu. Aproximou-se deles.

O pai dele era bom. Desempenhou bem seu papel. Contou a triste história de que não sabia o sobrenome de Cash. Que o garoto era o filho da irmã que ele perdera havia muito tempo — embora ele nunca soubera que ela havia tido um filho. Ela falecera e deixara o garoto para ele criar.

Demorou mais um dia para a mulher compartilhar sua própria história triste com eles. Só que a dela era verdadeira. Ela havia dado à luz um menino, que tinha desaparecido aos 4 anos de idade. Cash se parecia muito com ele.

— Venha cá — a mulher pedira a ele. Ela tinha lágrimas nos olhos. Com as mãos trêmulas, tocou no rosto de Cash. Ele se lembrava de ter se retraído um pouco. — Você é David? Você se lembra de mim? É por isso que você estava me encarando?

— Eu não sei — ele mentiu. Mentiu como o pai o obrigara a fazer. Então o pai o cutucou no ombro para lembrá-lo de terminar de falar o que haviam combinado. Tinha 6 anos de idade e já tinha que ganhar seu sustento. — Você tinha um cachorro preto com uma mancha branca no focinho?

A lembrança de como aquela mulher estava desesperada ainda assombrava Cash às vezes. Ela não hesitara: dera ao pai dele o dinheiro para que fizessem o teste do DNA de Cash. Claro que nunca fizeram. Naquela noite, eles fugiram de carro da cidade de Little Rock, em Arkansas, com 5 mil dólares no bolso. Provavelmente, o dinheiro que a mulher economizara a vida toda.

— Aquilo foi errado! Eu nunca vou fazer isso de novo — Cash disse ao pai. Aquele havia sido seu primeiro olho roxo. Tinha doído. Mas ele estava certo de que tinha doído ainda mais na mulher.

Cash nunca deixaria que isso acontecesse aos Fuller.

Ele precisava encontrar respostas.

— Oi, querida. Como foi na escola?

Minha mãe está me esperando quando entro em casa aquela tarde. Achei que ela ainda estaria procurando emprego. Não estou a fim de ser interrogada.

— Foi tudo bem — digo.

— Lindsey apresentou você para todo mundo?

— Sim. Conheci Jamie, a melhor amiga dela. Ela é legal. — E ela era mesmo, mas notei que não parou de me contar histórias sobre Lindsey e ela, como se tentasse provar alguma coisa. Como se quisesse deixar claro que eu sou a garota nova e Lindsey é a melhor amiga *dela*.

Não me importo com isso. Faltam apenas nove meses para eu me formar.

Percebo que minha mãe está esperando que eu conte mais.

— Lindsey quer que eu saia com elas mais tarde. Jamie vai à casa dela. — Se eu estivesse em El Paso, estaria com Sandy e Kara. Estaríamos comparando as nossas experiências na escola, nossos professores, os caras que parecem mais gatos este ano do que no ano passado.

Mas não estou em El Paso. Estou aqui. E por isso não vou dar uma de idiota; vou me contentar em ser a segunda melhor amiga de Lindsey e agradecer por isso.

— Como foi seu dia? — pergunto. — Encontrou um emprego?

O sorriso dela se amplia e é muito bom vê-la sorrir.

— Encontrou?

— Sim, fui ao consultório do meu médico, o dr. James, meu oncologista. Há dois médicos no consultório. Eu disse a ele que tinha diploma de enfermagem e ele praticamente me ofereceu um emprego. Eles têm que checar meus antecedentes e preciso ser entrevistada por outro médico, mas parece que consegui a vaga.

Ela está sorrindo, feliz. Eu a abraço.

Quando nos separamos, ainda está sorrindo.

— Vai dar certo. — Ela segura minhas bochechas como fazia desde que eu era uma garotinha. — Nós aqui. Vai dar certo.

Concordo, querendo acreditar. E vendo-a feliz, quase acredito.

No dia seguinte, eu me recuso a andar pela escola com uma escolta. Tenho certeza de que já sei me localizar. Ledo engano. Me perdi e chego atrasada para a segunda aula, de Literatura Americana, sentindo como se tivesse uma placa de neon piscando nas minhas costas com a inscrição ALUNA NOVA.

Infelizmente, aquela sensação de ser observada nunca desaparece. E eu vejo quem está olhando: Cash. Ele está começando a me assustar. Conto os minutos para a aula terminar.

No intervalo entre as aulas, vou ao meu armário para trocar de livros. Estou com os dois braços ocupados quando sinto alguém ao meu lado. Meu coração vai parar na garganta. Acho que é Cash.

Errado.

Olho para cima e encontro um par de olhos azul-claros sedutores, que pertencem ao garoto bonito que notei na aula de Literatura Americana.

— Precisa de ajuda para encontrar sua próxima aula? Precisa de um encontro na sexta à noite?

Eu retribuo o sorriso. Meu coração bate de emoção.

— Sou David Drake.

— Eu sou... — Meu nome gruda na língua enquanto tento descobrir onde ouvi o nome dele antes. Então — pronto! —, eu me lembro. E não é nada bom.

David Drake é o novo *crush* de Lindsey. Merda.

— Eu... não estou interessada. — Eu me afasto para recuperar meu espaço e me concentro no meu armário.



— Pensei que seu nome era Chloe.

— É sério. — Olho para ele outra vez, desta vez sem sorrir.

O sorriso do garoto continua intacto.

— Quem sabe você comece a se interessar com o tempo...

— Sou comprometida.

— Deixou um namorado na cidade de onde veio?

— Sim — minto, jogando o cabelo para trás. — Estamos praticamente noivos.

Ele coloca a mão direita contra o peito.

— Como assim? Você acabou de partir meu coração.

Balanço a cabeça e tenho uma ideia. Antes que eu possa concluir se a ideia é boa ou ruim, conto a ele.

— Sabe, ouvi falar de uma garota que gosta de você.

— Quem?

— Não posso dizer, mas... uma dica é que você a convidou para sair no ano passado.

Ele franze a testa.

— Sara?

Eu não respondo.

— Lisa?

Eu franzo a testa.

— Katie? Paula? Anna? Lacy? Carol? Jackie? Hannah?

Não estou acreditando...

— Estou brincando — diz ele. — Como só convidei duas garotas para sair e uma delas vem à escola com você, eu sei quem é. Mas achei que ela estivesse com Jonathon.

Eu me preocupo, achando que deveria ter ficado de boca fechada, então só encolho os ombros e me viro para me afastar. Por que sempre quero consertar as coisas?

Dou apenas alguns passos quando vejo Cash novamente, dois armários depois do meu. Ele não está olhando para mim, mas aposto o



meu melhor sutiã que ele estava ouvindo a minha conversa com David.

Então vejo Jamie do outro lado do corredor. Ela desvia o olhar rápido e vai embora. Eu sei que ela viu David falando comigo.

Droga! Provavelmente está indo contar para Lindsey agora mesmo.

Cash esperou até o sr. Alieda deixar a sala de aula, para dar uma rápida corrida ao banheiro e entrar no laboratório de ciências. Correu para os dois terrários encostados à parede. Os alunos começariam a chegar a qualquer momento. Um tanque continha uma jiboia, o outro tinha comida viva para a cobra. Abrindo a mochila vazia, ele tirou dali uma luva.

O camundongo ficou de pé nas patas traseiras e olhou para Cash, mexendo os bigodes.

— Vamos fazer um acordo? Eu ajudo você e você me ajuda. Você tem uma chance de conquistar a liberdade. E eu consigo... respostas. Talvez.

Cash pegou o camundongo com delicadeza e colocou-o na mochila vazia. Depois de recolocar a tampa no terrário, ele foi para a secretaria.

Não era o melhor plano que ele já tinha engendrado, mas era um plano.

Naquela manhã, ao agendar uma reunião com a srta. Anderson, ele tinha ficado em dúvida quanto ao melhor horário até descobrir que ela almoçava entre onze e onze e meia. Perfeito. Era naquele horário que ele almoçava também.

Tudo o que ele precisava era de três minutos no escritório dela. Três.

Ele poderia esperar e voltar à noite, mas e se fosse pego...? Invasão dava cadeia. Liberar um camundongo indefeso era uma ofensa perdoável.

Ao entrar na secretaria, ele viu três garotas esperando para falar com a funcionária da recepção. Aquilo podia funcionar.